

Capa

Trabalho de Willian Paz da Silva com imagens de domínio público

Diagramação

Willian Paz da Silva

Texto

Willian Paz da Silva

Revisão

Prof. Dr. Marcelo Cheche Galves

Este material foi desenvolvido como produto educacional do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Maranhão, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Cheche Galves

Silva, Willian Paz da.

Os impressos do século XIX e o ensino de História / Willian Paz da Silva.
– São Luís, 2025.

61 f. : il.

Produto Educacional da dissertação: “Imprensa, liberdade de expressão e nação em sala de aula: o brasileiro (1830-1832)”.

Orientação do Prof. Dr: Marcelo Cheche Galves.

1. Ensino de História. 2. Século XIX. 3. Jornais. 4. Liberdade de imprensa. I. Título.

CDU 070“18”(072)

APRESENTAÇÃO

Este material instrucional origina-se da pesquisa realizada no Mestrado Profissional em História na Universidade Estadual do Maranhão. Contendo como objetivo desenvolver de forma didática, uma orientação metodológica para o professor usar os jornais do século XIX como fonte/linguagem no ensino de História.

Os jornais assim como outros tipos de fontes, apresentam-se como importantes linguagens para o campo da disciplina. A sua busca como fonte para a utilização em sala vem sendo bastante requisitada graças à sua notável participação nos acontecimentos políticos e sociais de diversas regiões e épocas.

As pesquisas acadêmicas utilizam os jornais em vários campos de estudos de diversos períodos, fazendo que seja mais visível a sua relevância para o campo. Quando falamos de sua aplicação no ensino, vemos que ele se apresenta como um rico material a ser explorado, possibilitando entender e complementar os conteúdos explorados nos livros didáticos.

Ao aproximarmos os alunos dessa fonte, abriremos a possibilidade de demonstrar diversos campos e abordagens de conhecimentos para levarmos os debates em sala. Uma vez que, podemos analisar a composição do jornal buscando debater sobre; o cenário onde ele foi impresso e distribuído, o conteúdo pensando o tema que queremos trabalhar em sala, o seu papel na sociedade ao longo da História, bem como sua influência em acontecimentos da história, mas, também fazer uma apresentação para o aluno do ofício do historiador, pois estaremos mostrando um material de estudo bastante utilizado nos campos históricos.

Temos também os meios para despertar um senso crítico dos alunos quando abrimos espaço para debates em sala. Dado que podemos qualificar os caminhos de ensino, aprofundando um conteúdo ao demonstrar suas amplas formas de visões e abordagens.

Cabe reforçar que durante o decorrer de nossa pesquisa vamos utilizar jornais do século XIX que possuem a escrita típica desse período. Desse modo, para não ocorrer mudanças no sentido das citações, escolhemos deixar a grafia original desses materiais.

No decorrer desse livro, iremos entender a importância dos impressos para os campos da historiografia e do ensino de História, vamos trabalhar as concepções metodológicas que mais possibilitam a utilização dos impressos em sala de aula. Compreendendo assim as possibilidades e aplicações dessa linguagem, como também as dificuldades e cuidados que você professor deve tomar para uma boa didática em sala.

Durante sua trajetória de leitura, vamos exercitar nossos conhecimentos sobre as fontes na aprendizagem, e demonstrando como o jornal pode ser uma importante fonte/linguagem para o ensino de História.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO 01: A importância dos impressos para a escrita da História	08
1.1 O que é historiografia?.....	08
1.2 A imprensa e uma escrita da história do Brasil.....	14
CAPÍTULO 02: A consciência histórica em sala de aula	19
2.1 Consciência histórica e seus aspectos.....	19
2.2 A competência narrativa na construção da didática em sala.....	25
CAPÍTULO 03: O jornal como linguagem no ensino de História	30
3.1 O jornal não é uma fonte neutra	33
3.2 Desenvolvendo a capacidade crítica dos alunos por meios dos jornais	37
3.3 Problematizando a fonte	41
3.4 As imagens e as ilustrações dos jornais e revistas.....	47
3.5 Como encontrar os jornais em pesquisas acadêmicas?	52
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	59

A disciplina de História, conta com um rico acervo de fontes para o ensino, como documentos oficiais, jornais, cinema, HQs e etc., que auxiliam na construção de uma aula.

Denominadas como “linguagens” no ensino de História, essas fontes são pensadas como meios para o professor ampliar seu olhar para o processo de produção do conhecimento histórico. Além disso, elas contribuem para a idealização de propostas didáticas diversificadas para trazer a atenção do aluno para a disciplina e melhorar sua aprendizagem.

Helenice Rocha (2015) menciona que, desde o final da década de 1980, essas linguagens vêm ganhando reconhecimento entre os pesquisadores e professores no âmbito do ensino de História. Contudo, para utilizar esse material de forma adequada o professor precisa conhecer bem a fonte que pretende trabalhar.

Ao conhecer bem a fonte escolhida, o professor terá a oportunidade de estruturar a melhor abordagem para sua aplicação em sala, viabilizando uma forma de ensino dinâmica e exercendo um papel de mediador do diálogo entre o aluno e a fonte histórica. Assim, o ambiente de sala de aula vai ser um lugar de não apenas transmissão, mas também de produção dos saberes históricos.

A conduta do professor ao se valer de uma abordagem para o uso de uma linguagem deve ter como intuito uma aprendizagem estimulante e de boa compreensão, buscando um ambiente em sala de aula com maior interação dos alunos.

Pensando o uso dos jornais como uma das linguagens na disciplina de História, vamos estruturar uma orientação metodológica para o professor elaborar sua própria abordagem para usar os jornais do século XIX no ensino. De modo que nessa elaboração, o docente leve em consideração os diferentes cenários

das salas de aulas, como a faixa etária da turma, tipo de jornal e temática da História escolhida.

Vale lembrar que embora nosso estudo sobre como utilizar os jornais em sala tome como foco os jornais do Brasil no século XIX, os ensinamentos presentes no decorrer do trabalho podem auxiliar na utilização de jornais de outros períodos em sala de aula.

Para isso, vamos, inicialmente, entender a importância dos jornais para a historiografia brasileira. Em seguida abordaremos o conceito de consciência histórica que nos conduzirá para diferentes pensamentos sobre como utilizar os impressos.

Por fim, vamos adentrar em nossa análise dos jornais, compreendendo cada elemento que compõe essa fonte, para assim possibilitar ao professor criar diferentes abordagens para o uso dos jornais em sala de aula.

1.1 O que é historiografia?

A historiografia é um importante componente do campo da História, estando presente em boa parte de suas áreas, incluindo o campo do ensino de História. Portanto, entendermos mais a fundo sobre seu conceito apresenta-se como algo necessário em nossa trajetória para conhecer os jornais como fonte/linguagem.

Iniciaremos analisando sua definição para alguns autores, buscando compreender o seu papel para o ensino de História. Podemos começar nossa análise com o significado que José D' Assunção Barros nos apresenta sobre a historiografia:

A Historiografia - ou História - pode ser compreendida como o vasto universo de realizações produzidas até hoje por todos os historiadores e autores de História. Neste sentido, a Historiografia é a "História escrita"; de modo que não é

à toa que a expressão indica literalmente isto (historio-grafia)

Barros, 2022, p. 13.

Barros (2022) nos disponibiliza uma compreensão básica sobre o conceito de historiografia, descrevendo-a como a composição dos trabalhos produzidos pelos historiadores ao longo do tempo.

Entretanto, o autor também evidencia que dentro da historiografia temos diferentes formas de pensar a História e a sua construção, como também as diferentes maneiras que a História pode ser escrita.

Para entendermos melhor sobre essa questão, precisamos conhecer a "história escrita" que compreende elementos-chave como o lugar social, o tempo e a forma de escrita, conforme nos mostra Michel de Certeau:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc.

Certeau, 1982, p. 57.

Este “lugar”, que observamos no texto de Certeau, ocupado por nós, historiadores, simboliza as questões sociais que envolvem o historiador, compondo elementos que estão por detrás de uma escrita.

Buscar entender esses elementos pode ser um ponto relevante para analisar determinada escrita, por meio das práticas culturais que a cercam.

Nesse reino das várias práticas culturais de narração histórica e das diferentes manifestações do construto mental chamado história, “historiografia” pode ser caracterizada como uma espécie de prática cultural e de estrutura mental. É uma apresentação elaborada do passado

limitada ao meio da escrita, com suas possibilidades e limites. Ela pressupõe a experiência social de um historiógrafo, caracterizada por um certo grau de especialização e eventualmente de profissionalização e sua função numa ordem política e social

Malerba, 2003, p. 45.

Reforçando o descrito no texto de Jurandir Malerba, a historiografia seria um produto da História, nos mostrando de forma clara o ambiente em que foi feita. Podendo conter uma nítida influência do historiógrafo e da sociedade na qual está inserido.

Devemos ressaltar também que a própria sociedade pode ter seu papel de presença no contexto dessa escrita da história, conforme a medida de sua necessidade de pesquisa, com descobertas de documentos históricos, surgimento de temas pertinentes, novos métodos e abordagens de pesquisa, que acabam influenciando cada geração de pesquisadores no decorrer da história.

Ao longo de cada geração, vem sendo formado um acúmulo de conhecimentos que obriga o historiador a buscar novos meios de pesquisa, resultando em novas formas e influências para a escrita da História.

Uma conduta diante das múltiplas facetas da escrita da história, é entender o “lugar social”, conforme levantado anteriormente, visto que o lugar de escrita tem a sua parcela de influência na construção dos trabalhos no decorrer do tempo.

A compreensão da forma como a História é escrita torna-se bastante importante, sendo que a própria historiografia é utilizada como fonte tanto para outros historiadores quanto para o ensino de História.

Portanto, a grandiosidade da historiografia em seus vários sentidos faz com que a sua compreensão seja necessária na medida em que pode beneficiar o ensino e a produção da História. Logo, o estudo sobre as diferentes

áreas da historiografia nos disponibiliza o surgimento de uma consciência das etapas da sociedade.

A historiografia pode ser entendida como um fator presente na sociedade. Podemos ter uma noção de sua importância analisando a seguinte menção de Barros:

Por exemplo, a obra historiográfica torna-se um agente histórico no momento em que ela interfere na sua própria sociedade. Escrever História, de certa maneira, é também Fazer História, no sentido de que através da Historiografia que produzimos podemos agir sobre a nossa própria época – por exemplo, favorecendo novas formas de consciência que terão repercussões sociais e políticas, combatendo distorções que estão sendo impingidas por outros agentes, e assim por diante

Barros, 2022, p. 33.

Refletindo o exposto no texto acima, a atuação da obra historiográfica como agente histórico tem como componente principal o próprio historiador.

Um historiador, ao estudar um tema

da História, pode utilizar-se das produções historiográficas como fonte, pensando nesse conteúdo como um auxílio para entender o período em que está trabalhando, assim como utilizar-se dessas produções como objeto de estudo.

Desse modo, o historiador pode analisar a forma como foi produzida uma obra da historiografia colocando-a como um “acontecimento da história” buscando, assim, novas respostas por meio desse estudo das obras.

Compreendemos então como a obra historiográfica pode ser abordada de diversas formas, pensada como fonte ou objeto. Agora podemos analisar a sua relevância para o campo da História, em destaque para o campo do ensino.

Refletindo sobre a sua produção, sendo a grandiosidade que os estudos históricos estabeleceram ao longo do tempo, fica visível sua influência no campo.

Se a historiografia pode funcionar como meio de representação para a história, como objeto para estudos historiográficos onde os historiadores estudam os próprios historiadores, ou como fontes através das quais os historiadores procuram entender as próprias sociedades que produziram estas obras de historiografia, não devemos esquecer que a Historiografia produz ainda uma importante função na área de Ensino. O Ensino de História é já de si importante para produzir consciência social, identidade cultural, respeito à alteridade e mesmo ampliar os modos de compreender a própria passagem do tempo

Barros, 2022, p. 33.

O aspecto mencionado no texto de Barros em relação a produção da consciência social, e da identidade cultural entra no campo da consciência histórica (tema que trabalharemos no próximo capítulo), pois estaremos trazendo para o aluno, diversos discursos e abordagens sobre temas trabalhados em sala de aula.

Portanto, demonstraremos para os discentes que o campo da História pode ser abordado de diversas maneiras e com diversos autores, como também com outros tipos de fontes, criando com isso um ambiente de reflexão do conteúdo.

O desenvolvimento de uma consciência crítica em relação ao material trabalhado em sala pode fazer com que essas propostas de metodologias trabalhadas no ensino tornem-se um poderoso instrumento para aprimorar o ponto de vista dos alunos com esses temas.

Por meio dos estudos sobre as características dessas obras historiográficas, principalmente quando falamos de uma aplicabilidade para o ensino, poderemos nos aproximar dos conceitos sobre como a História é feita.

As organizações do pensamento histórico derivam dos instrumentos que são dispostos de seu tempo, tanto para os acontecimentos históricos,

como para a escrita da História. Portanto, conforme vemos em Certeau (1982), a História vai entrar em contato direto com os instrumentos e técnicas que a produzem.

[...] A própria história entra nesta relação do discurso com as técnicas que o produzem. É preciso encarar como ela trata os elementos "naturais" para os transformar em um ambiente cultural, como faz aceder à simbolização literária as transformações que se efetuam na relação de uma sociedade com a sua natureza. De resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das geleiras e das "neves eternas, o historiador faz outra coisa: faz deles a história

Certeau, 1982, p. 72.

Pensando o proposto no texto de Certeau, podemos entender o papel do historiador em transformar esses elementos em obras historiográficas. A base textual que o campo da historiografia deixou para as gerações é uma importante base metodológica e estrutural para

entendermos os temas da História e utilizarmos das fontes históricas nas pesquisas.

Entender a importância da História e de suas fontes para o campo não é apenas papel do historiador, mas também de todos os alunos e professores na disciplina de História.

A fonte histórica se apresenta como o meio pelo qual o historiador tem acesso a época em que está pesquisando, como também o meio pelo qual o professor pode ministrar uma aula. Buscar entender os meios para seu estudo ou análise é uma necessidade para o campo historiográfico.

Faz parte da prática historiográfica, por exemplo, o trabalho obrigatório e metodologicamente conduzido a partir das Fontes Históricas - isto é, evidências, vestígios e materiais de toda espécie deixados pelos processos históricos e pelas ações humanas. Essa base da pesquisa do historiador fundada no diálogo incontornável com a 'fonte histórica', ou em documentos e vestígios de todos os tipos, faz parte da identidade

mínima da História no que se refere à sua Prática [...]

Barros, 2022, p. 26-27.

Deste modo, entender essa ligação da pesquisa historiográfica com as fontes históricas, é importante não apenas para se compreender os conceitos da historiografia ao longo do tempo, do mesmo modo que para o ensino de História, pois ambas as partes estão inseridas no âmbito da disciplina, fazendo com que seja necessário o professor estar ciente de suas concepções para utilizá-las em sua aula.

1.2 A imprensa e uma escrita da história do Brasil

Em meio a historiografia brasileira, analisar a relação entre História e imprensa é um significativo meio para compreender a relevância dos jornais como fonte histórica. Para isso, vamos entender a trajetória dos jornais nessa historiografia.

Um dos primeiros textos a trabalhar os jornais na História do Brasil foi a pesquisa de Manuel Duarte Moreira de Azevedo em 1863 intitulada *Origem e Desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro*. Nela, Duarte descrevia e comentava sobre os periódicos implementados no Rio de Janeiro entre 1808 e 1863.

No Maranhão temos o trabalho de José Maria Correia de Frias intitulado *Memória sobre a tipografia maranhense*. No texto, Frias menciona sobre a instalação da primeira tipografia no Maranhão e comenta a trajetória dos impressos na província.

O próximo trabalho que viria pensar os jornais na História surgiu como homenagem ao centenário da imprensa no Brasil em 1908. O trabalho mencionado é o texto do autor Alfredo de Carvalho, *Gênese e progressos da imprensa periódica do Brasil*, que descrevia todos os jornais produzidos no Brasil durante esse centenário da imprensa.

Contudo, grande parte desses trabalhos apenas faziam um apanhado sobre a trajetória dos jornais no tempo, colocando os jornais como um objeto de pesquisa a ser catalogado ou comentado.

A autora Tânia Regina Luca (2005) nos afirma que até as décadas de 1960/1970 os jornais eram pouco utilizados na historiografia brasileira, sendo relativamente pequeno o número de trabalhos que usavam os jornais como fonte para o estudo da História do Brasil. Dado que os poucos que usavam os jornais apenas os colocavam para afirmar algum dado específico, alinhando com outro

tipo de documentação.

Concomitante a esse período, destacamos o trabalho de Nelson Werneck Sodré em 1966, *História da imprensa do Brasil*. Além de listar os jornais produzidos no Brasil, ele colocava-os em uma posição diferente ao fazer uma ampla análise dos âmbitos sociais que envolviam a circulação desses impressos. Amanda Peruchi (2015) menciona que o trabalho de Sodré foi bem recebido por estudiosos nessa segunda metade do século XX, sendo uma das principais obras envolvendo os jornais nesse período.

Nos anos seguintes tivemos um notável aumento na visibilidade dos jornais como fonte e objeto de estudo nos trabalhos historiográficos. Possibilitando os historiadores a ter várias perspectivas dos eventos políticos e sociais dos diferentes grupos da História.

As diversas abordagens que podem ser pensadas com o uso dos jornais como fonte aumentaram o

reconhecimento dos historiadores a respeito dos pensamentos dos diversos grupos da sociedade sobre diferentes áreas.

As renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder. Os questionamentos desse campo, imbricados com os aportes da História cultural, renderam frutos significativos

Luca, 2005, p. 128.

O uso dos jornais como fonte para o estudo da História política mencionado no texto de Luca é uma boa área que podemos utilizar para demonstrar a relevância dos jornais na Historiografia do Brasil.

Tendo em vista que os jornais não apenas registravam cotidianamente os embates políticos desde a sua implementação no Brasil em 1808, como também tiveram significativa participação política nos diferentes eventos ao longo de nossa História.

Podemos reforçar essa participação política dos jornais na História do Brasil, poucos anos após a sua instalação, na qual foi utilizado como difusor de ideais políticos e sociais por diferentes grupos. Como nos mostra Rodrigo Santos de Oliveira:

As províncias, paulatinamente, foram incrementando a sua produção, o que, com o passar do tempo, acarretou tanto o desenvolvimento da imprensa local como a utilização de sua força política. Das lutas políticas que acompanharam a Independência, as elites provinciais tiveram a noção da força que a imprensa tinha sobre a sociedade. Com isso, passaram a utilizar a imprensa como mecanismo de difusão ideológica sobre a sociedade.

Oliveira, 2011, p. 133.

Os trabalhos historiográficos com o uso dos jornais do Brasil têm demonstrado cada vez mais esse poder que a imprensa tem para influir nos demais setores da opinião pública, assim como agir como um extensor político.

A atuação da imprensa durante o século XIX em relação à política, pode

ser destacada em dois fatores. O primeiro é a própria construção narrativa das edições que tinham um caráter mais opinativo, deixando o posicionamento do redator claramente exposto em meio ao evento descrito.

O segundo pode ser visto nos títulos ou epígrafes dos periódicos que em grande parte tentam demonstrar o seu posicionamento político, como exemplo podemos mencionar jornais como *O Brasileiro (1830-1832)* e *O constitucional (1822)* que pelos seus títulos demonstravam o seu público ou sua posição política. Temos também jornais como o *Correio Maranhense (1847)* que carregava em sua epígrafe a frase “Não queremos nem a Republica, nem o Absolutismo; queremos a Monarchia com a Constituição; queremos o Snr. D. Pedro II”.

Portanto, esses fatores que ressaltamos demonstram que os jornais desse período serviam como um eixo de posicionamento político e

social dos redatores e figuras ligadas aos jornais, difundindo opiniões para diversos setores da sociedade.

O caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção no espaço público caracterizaram a imprensa brasileira de grande parte do século XIX, que, é bom lembrar, contava com contingente diminuto de leitores, tendo em vista as altíssimas taxas de analfabetismo. Os aspectos comerciais da atividade eram secundários diante da tarefa de interpor-se nos debates e dar publicidade às propostas, ou seja, divulgá-las e torná-las conhecidas. A imprensa teve papel relevante em momentos políticos decisivos, como a Independência, a Abdicação de D. Pedro I, a Abolição e a República

Luca, 2005, p. 133-134.

Por intermédio disso, podemos ver a relevância que os jornais tiveram em meio aos eventos da História do Brasil no século XIX, estando presente nas questões políticas até os dias atuais.

Diante dessa participação dos jornais nas diferentes áreas sociais, os estudos historiográficos utilizam os periódicos como fonte para compreenderem diferentes temáticas da História do Brasil. Como reforça Barros:

[...] Tratar o jornal como fonte histórica, neste sentido, é compreender que este pode ser utilizado como fonte para a história de gênero, para a história do trabalho, para a história dos movimentos sociais, para a história do cotidiano, para a história urbana, ou para os inúmeros objetos de estudo de interesse dos historiadores

Barros, 2023, p. 46-47.

Portanto, a aproximação entre História e imprensa, em se tratando da História do Brasil, é bastante relevante, tendo em vista que os impressos podem ser pensados para diferentes posicionamentos nos estudos historiográficos.

Em meio as diferentes temáticas que a utilização dos jornais consegue abranger, podemos pensá-los como

fonte, na qual será trabalhada o conteúdo em suas páginas para estudar diferentes temas. Assim como podemos pensa-los como objeto de pesquisa, ao entendermos a influência social e política que esses impressos faziam em seus períodos.

Assim, tomando as metodologias para se estudar esse tipo de fonte e tendo em vista a sua parcialidade em meio aos eventos da história, os impressos podem ser uma interessante fonte para pensarmos a História.

2.1 Consciência histórica e seus aspectos

Em nosso material instrucional sobre o uso dos jornais em sala de aula, vamos utilizar a consciência histórica de Jörn Rüsen como base conceitual para formular as diferentes abordagens dessa linguagem no ensino.

Para isso, precisamos entender o que é a consciência histórica, quais seus aspectos e implicações no ensino de História.

Rüsen (2001) define a consciência histórica como:

“[...] a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo”

Rüsen, 2001, p. 57.

Por meio dessa definição, podemos pensar a consciência histórica como um processo de orientação mental, no

qual o aluno pode se orientar no tempo em relação ao conteúdo estudado, possibilitando transformar a sua perspectiva sobre a disciplina de História.

O professor vai atuar mediando os conteúdos trabalhados em sala com uma abordagem que possibilite no aluno essa orientação no tempo, aproximando os elementos da História com os atuais, como resultado, os alunos entenderão a sua posição no tempo em relação ao período da História trabalhado.

Para isso, indicamos para o professor elaborar uma didática em sala que utilize fontes e exercícios variados, para o aluno desenvolver uma consciência histórica em meio a novas perspectivas dos temas da História.

A orientação temporal, como um dos aspectos da consciência histórica, vai posicionar-se como um guia metodológico para o aluno, organizando a sua compreensão de cada período, como uma espécie de

bússola mental. Assim, ao buscar entender a distância temporal do tema trabalhado em sala de aula, o aluno vai se basear no ponto presente em que está vivendo, pois terá compreendido sua posição como atuante na História.

Ao tentarmos desenvolver uma orientação temporal em sala de aula, podemos tomar como base o modelo de tempo e de passado mencionados em Luis Fernando Cerri (2010), esse modelo exercita os temas da História juntamente com as experiências que os alunos já possuem desse período.

Para conseguirmos exercitar essa base, devemos usar de um segundo aspecto presente na consciência histórica, que é trazer o conteúdo trabalhado para um cenário mais próximo do aluno.

Vale lembrar que quando falamos de uma aproximação do conteúdo da História com o conhecimento do aluno, não indicamos que a aula seja voltada apenas para as noções dos alunos sobre o tema, mas sim que o

professor faça uso desse conhecimento para aprimorar a imersão do aluno nas aulas.

Uma didática no ensino de História que trabalha os temas juntamente com as experiências dos alunos deve ter em mente a diversidade dos cenários que compõem o ambiente escolar. Em vista disso, a proposta é trazer esses temas comparando com um senso comum que os alunos conheçam, seja por meio de elementos da cidade em que vivem ou questões da atualidade.

Podemos exercitar esse pensamento ao utilizar os jornais em sala fazendo comparações como: os jornais do período trabalhado com as mídias atuais; a liberdade de fala desse período com a atual; assim como outros elementos presentes no tema trabalhado.

Em meio a esse exercício e utilizando os conhecimentos dos alunos, Cerri faz a seguinte menção:

O modelo de conhecimento dos alunos em idade escolar é, na maior parte dos

casos, empírico, ou seja, a possibilidade do conhecimento se dá desde que possamos ver ou experimentar de algum modo as coisas; o conhecimento é uma função da experiência. Isso dificulta a ideia de relatividade dos pontos de vista, já que as visões só podem ser, nesse modelo, verdadeiras ou falsas, e no limite, se não podemos experimentar algo diretamente, o conhecimento é impossível. Em geral, a consciência histórica do aluno está condicionada pela ideia de que a história conta “o que aconteceu”; então, se aconteceu, não há o que questionar. Por isso, as afirmações possíveis tendem a ser aquelas que cabem na realidade que os alunos conhecem [...]

Cerri, 2010, p. 269-270.

O relato de Cerri, sobre a consciência que o aluno pode ter do conteúdo da História como algo “imutável” é uma noção que pode ser trabalhada, ao demonstrarmos para os alunos as diferentes perspectivas desses eventos da História.

As dificuldades encontradas na disciplina de História são sempre uma oportunidade de aprimorarmos nossa

didática, pensando formas de melhorar o ensino/aprendizagem no ambiente escolar.

O destaque que fazemos à utilização de diferentes fontes para o ensino deve-se à oportunidade que esse material disponibiliza de apresentar os temas em sala de aula por diferentes perspectivas e aproximar o aluno do material real que está estudando.

Possibilitando, por intermédio disso, a desvinculação da noção da História como algo “imutável” ao demonstrarmos que os eventos da História podem ser abordados de diferentes formas. Possibilitando que o aluno entenda a necessidade de buscar sempre fontes diferentes para compreender um evento da História assim como da atualidade.

A noção que o aluno desenvolverá entra em contato com o que Tânia Braga Garcia menciona sobre a consciência histórica:

Isto significa que a consciência histórica funciona como um ‘modo específico de o

orientação' nas situações reais da vida presente, tendo como função específica ajudar-nos a compreender a realidade passada para compreender a realidade presente”

Garcia, 2008, p. 127.

Podemos entender com isso que o diálogo entre o passado e o presente condicionam uma orientação temporal. Ao utilizarmos essa noção em sala de aula vamos nos aproximar com a forma como Rüsen (2012) pensa a consciência histórica, mencionando-a como algo que pode ser construída de maneiras diferentes, e de forma natural para os indivíduos, precisando apenas ser desenvolvida.

Um outro aspecto presente ao pensar a consciência histórica em sala de aula é a possibilidade de fazer os alunos compreenderem a sociedade na História de diferentes formas.

Fazendo uso de novas perspectivas a respeito dos pensamentos históricos, podemos trabalhar de diversas formas os temas da História,

possibilitando aos alunos olhar de novas formas a sociedade em que vivem.

Com a intenção em trabalhar essas novas perspectivas dos eventos históricos, vamos entender que a sociedade na História tem diferentes representações. Abrindo, assim, espaço para diálogos entre os alunos e professores sobre a construção desses eventos.

Nessa direção, podemos considerar que somente um ensino de História, pautado no diálogo entre professores e alunos, que valorize as muitas experiências, as histórias, as memórias, as vivências, as ideias, os saberes e as opiniões, poderá contribuir para a formação e o desenvolvimento da consciência histórica e do pensamento histórico. Um ensino no qual alunos e professores possam socializar e discutir suas diferentes representações sociais construídas a partir da compreensão dos conceitos substantivos estudados em sala de aula, constituir-se-ia em uma ferramenta poderosa de formação de consciência histórica e de maior aproximação do estudo da História da vida prática dos alunos

Fernandes, 2016, p. 120-121.

A noção que ressaltamos compreender do texto de Aurélio Silva Fernandes é a valorização dos conhecimentos dos alunos. Ao buscarmos narrativas para os temas na História que valorizem as experiências dos discentes, estaremos estimulando seus saberes e opiniões, possibilitando assim a construção de uma identidade dos alunos em torno do conhecimento da História.

Portanto, seguindo uma didática que possibilite estimular o conhecimento do aluno fazendo refletir sobre os eventos da História, poderemos ultrapassar a ideia da História apenas como um acúmulo de datas e acontecimentos, alcançando assim uma base como meio para o aluno orientar-se em sua vida prática.

O intuito de pensarmos essas noções da consciência histórica é buscar entender que as diferentes abordagens para a disciplina, como o uso dos jornais em sala, possibilitam que os alunos ponderem sobre os eventos da História, para formular a

sua noção da sociedade em que vive. Como reforça Vera Lucia Trennepohl:

[...] Ressalto que a consciência histórica não alcança um estágio final, nunca está concluída, porém, ampara-se em conhecimentos dinâmicos, relacionando presente, passado e futuro, o que possibilita uma leitura de mundo, de realidade, como dinâmica e em constante transformação. Para tanto, informações são interiorizadas, organizadas e ao narrar fica evidente a utilização da consciência histórica (como ferramenta mental), utilizando-se disso para a sua orientação no cotidiano pessoal e social

Trennepohl, 2020, p. 52-53.

A maneira pela qual o professor aborda essas novas perspectivas sobre os temas da História, pensando na orientação no tempo dos alunos ao aproximar os temas do cenário em que vive, abre espaço para o aluno se sentir como atuante na História.

A análise dos temas com diferentes problematizações, assim como diferentes fontes utilizadas em sala, nos aproxima à reflexão que Maria Auxiliadora Moreira dos Santos

Schmidt e Tânia Maria F. Braga Garcia abrem sobre o ensino de História, na qual mencionam que:

Na esteira desses autores, pode-se afirmar que assumir o primeiro princípio da Didática da História torna necessário que professores e alunos busquem a renovação dos conteúdos, a construção de problematizações históricas, a apreensão de várias histórias lidas a partir de distintos sujeitos históricos, das histórias silenciadas, histórias que não tiveram acesso à História. Assim, busca-se recuperar a vivência pessoal e coletiva de alunos e professores e vê-los como participantes da realidade histórica, a qual deve ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento, uma vez que, desta maneira, os sujeitos podem inserir-se a partir de um pertencimento, numa ordem de vivências múltiplas e contrapostas na unidade e diversidade do real

Schmidt; Garcia, 2005, p. 299-300.

Por meio dessa reflexão, podemos entender a necessidade de trazer o aluno para mais próximo do conteúdo que estamos trabalhando, uma vez

que compreendemos que a renovação dos conteúdos em sala pode permitir aos alunos um sentimento de pertencimento aos conhecimentos da História.

2.2 A competência narrativa na construção da didática em sala

Em meio aos aspectos da consciência histórica, destacamos a competência narrativa, que, diante de nosso material instrucional, pode servir como uma base para o professor organizar seu conteúdo para trabalhar os jornais em sala de aula.

A competência narrativa é a capacidade de transmitir um sentido do conhecimento histórico para o aluno, por meio de uma aprendizagem estimulante e de fácil compreensão.

Ao conseguir fazer uma narrativa efetiva dos conteúdos da História, podemos alcançar os aspectos que mencionamos anteriormente. Assim, a competência narrativa está atrelada como uma base para a consciência histórica. Conforme vemos em Cerri:

[...] Trata-se da ideia de competência narrativa. Em Rüsen, a competência narrativa é a competência específica e

essencial da consciência histórica, uma vez que é através da narrativa que se pode realizar a orientação temporal, sintetizando historicamente as dimensões do tempo, do valor e da experiência

Cerri, 2010, p. 274.

A ideia que ressaltamos entender sobre a competência narrativa, que vai auxiliar no trabalho com os jornais em sala, é montar uma narrativa com essa fonte da História de forma clara e objetiva, de modo que a descrição desse passado possa ser compreendida rapidamente pelo aluno.

Reforçamos que a competência narrativa descrita em Rüsen (2012) não se trata de competência de oratória, mas sim de conseguir organizar seu conteúdo da melhor forma que facilite o aprendizado do aluno.

Como resultado de uma competência narrativa em sala, o conhecimento da História transmitido vai possibilitar ao aluno orientar-se no tempo,

compreendendo os sentidos do conteúdo estudado.

Para isso, o professor precisa sempre estar transformando sua didática, procurando entender os diferentes cenários que estruturam uma sala de aula, para adaptar a melhor forma de fazer sua narrativa dos conteúdos.

Portanto, o melhor termo para definirmos a competência narrativa na atualidade é a adaptação, uma vez que precisamos entender a realidade atual para buscarmos uma narrativa que “alcance” os alunos. As transformações na narrativa dos conteúdos da História podem ser reforçadas em Schmidt e Garcia:

Trata-se da possibilidade de aproximar professores e alunos das formas como são produzidos os saberes, permitindo que eles se apropriem e/ou construam maneiras pelas quais esses saberes possam ser ensinados e aprendidos. E, nessa direção, torna se possível compreender que a forma pela qual se produz o conhecimento histórico hoje não é a mesma dos historiadores do século XIX e que, portanto, a forma de ensinar história não será a mesma também

Schmidt; Garcia, 2005,
p. 305.

Podemos refletir com isso, a forma como o ensino de História vai se modificando ao longo dos anos, buscando a melhor forma de se transmitir os seus conteúdos. Em vista disso, o professor vai modificando também a sua didática em sala, buscando sempre novas narrativas e metodologias de ensino.

Ao pensarmos uma competência narrativa com o auxílio do jornal como linguagem, podemos perceber que a construção narrativa pode se beneficiar com as diferentes abordagens que essa fonte permite. Por meio dessa união, o professor pode pensar a melhor forma de discutir um tema em sala pensando o desenvolvimento do conhecimento dos alunos. De volta a Schmidt e Garcia:

Os conceitos tomados de Rüsen (1992) apontam para o fato de que a construção da consciência histórica exige conteúdos que permitam o desenvolvimento de uma argumentação histórica crítica, de uma contra narrativa, na medida em que tais conteúdos buscam a mobilização, não de todo o passado, mas de

experiências específicas do passado relacionadas a sua própria experiência [...]

Schmidt; Garcia, 2005, p. 303-304.

A utilização de diferentes fontes para o ensino, possibilita o desenvolvimento da argumentação histórica crítica, abrindo espaço para debates em sala sobre diferentes visões dos eventos, para uma melhor compreensão do conteúdo.

Compreendemos a união do uso de diferentes fontes com a competência narrativa como uma maneira de abranger maior conhecimento sobre os eventos da História.

Podemos pensar o conceito de competência narrativa para além da narrativa do professor, colocando assim o aluno como atuante da narrativa da História.

Para compreendermos esse pensamento, podemos idealizar exercícios incluindo os alunos para externar o conhecimento adquirido nas aulas, como por exemplo: debates sobre os temas; ou dividir a turma

para ressaltarem pontos divergentes sobre um evento da História.

Como resultado, podemos adquirir uma maior expressão do conhecimento dos alunos com o material trabalhado. Garcia reforça esse pensamento afirmando que:

Encaminhou-se, então, a pesquisa na direção de procurar saber como se dá a construção da competência narrativa, uma operação constitutiva da consciência histórica que distingue o ensino e a aprendizagem histórica de outras formas de aprender. Ao "narrar" a História, o aluno pode se converter em um participante ativo e produtivo no processo de ensino-aprendizagem, ressaltando-se ainda que tanto alunos como professores já possuem parte do conhecimento histórico que vai ser objeto de estudo em sala de aula

Garcia, 2008, p. 129.

O aluno se sentir como participante do processo de ensino reforça a nossa proposta de narrativa dos conteúdos, uma vez que é por meio disso que conseguiremos aprimorar nossa didática em sala.

A utilização dos jornais no ensino é reforçada com essa narrativa. Ao pensarmos a participação dos alunos no processo de ensino, aproximando-os com os materiais históricos, possibilitamos que os discentes “vivenciem” a História.

Portanto, é por meio dos jornais que os alunos vão compreender as semelhanças nas discussões dos eventos históricos com os atuais, como discussões políticas, sociais e culturais.

As possibilidades de trazer essas fontes em sala, como os jornais, podem transformar a narrativa dos conteúdos assim como a interação dos alunos. Por meio dessa interação, podemos fazer os discentes refletirem sobre como essas fontes constroem nossa compreensão sobre a História.

Por meio da competência narrativa em conjunto com os jornais, podemos demonstrar as discussões efetuadas pelas diferentes classes econômicas dos períodos estudados, assim como perspectivas diferentes dos eventos da

História. A reflexão sobre a sociedade e seus diferentes elementos no tempo é uma importante característica que devemos ressaltar nos estudos da História. Como afirma Cerri:

O ensino a partir da alteridade é fundamental na própria elaboração de uma perspectiva do passado que considere o que não aconteceu, os projetos dos vencidos, uma História das ideias de mundo: para que não se ensine e não se aprenda que o presente tal como o conhecemos era a única possibilidade, com o que acabamos organizando o conhecimento do passado em função do presente, o que é um objetivo cognitivo central na formação da competência narrativa para a contemporaneidade

Cerri, 2010, p. 277.

Um dos benefícios de buscarmos uma competência narrativa para o ensino é demonstrar para o aluno o valor educativo do conhecimento da História ao fazer o discente ponderar sobre os eventos históricos.

Durante o decorrer de nossa explicação sobre os elementos da consciência histórica, possibilitamos

entender novas perspectivas para pensar o ensino de História, abrindo espaço para o uso dos jornais em sala.

Portanto, no próximo capítulo vamos adentrar em nossa análise sobre os jornais e suas características, para auxiliar na construção das diferentes abordagens que o professor pode utilizar para implementar essa linguagem no ensino.

CAPÍTULO 03: O jornal como linguagem no ensino

de História

N° 30

A nossa proposta com esse capítulo do material instrucional é estruturar as bases metodológicas para analisar os jornais do Brasil no século XIX e pensar a sua utilização no ensino. Possibilitando que o professor, ao entender essas metodologias, elabore a melhor abordagem para utilizar o jornal em sala, levando em consideração as características da turma e o tema que pretende trabalhar.

De início, é relevante compreendermos que os jornais não tinham como seu intuito servir como fonte para a História, mas sim noticiar os eventos de seu presente, demonstrando suas preocupações, influências e críticas sobre os eventos.

Portanto, assim como ao historiador, cabe ao professor que for utilizar esse material problematizar essa fonte para transformá-la em uma riquíssima linguagem para o ensino. Como resultado, o professor vai ter acesso a diferentes visões sobre os eventos da História.

Levando em consideração essa utilização dos jornais no ensino, Selva Guimarães Fonseca faz a seguinte menção:

A imprensa fornece materiais provenientes de diversas fontes, possibilitando, por exemplo, a análise de pontos de vista de diversos autores, especialistas e testemunhas da história. Permite aquisições de dados estatísticos sobre diversos aspectos da realidade e a reconstituição histórica de fatos, sobretudo do nosso passado recente. Apresenta imagens fotográficas, charges, histórias em quadrinhos, crônicas, mapas, poesia, canções e dossiês sobre diversos assuntos que constituem objetos do ensino de história. Inúmeras experiências apontam o valor didático da imprensa na formação dos jovens. Em todas as áreas do currículo escolar é possível desenvolver atividades interdisciplinares que favoreçam a formação de leitores críticos [...]

Fonseca, 2003, p. 215.

Para alcançarmos essa utilização no ensino, descrita no texto de Fonseca, a abordagem que o professor escolher para utilizar essa fonte deve ser

conduzida por metodologias adequadas.

Para isso, recomendamos alinhar seu objetivo na utilização dos jornais com as características da turma em que pretende trabalhar para, assim, pensar a melhor forma de trazer essa fonte para a sua realidade escolar.

Caso a turma escolhida seja uma com a qual o professor tenha convivido diariamente, a tarefa fica mais fácil de ser concluída. Dado que o professor vai entender quais dinâmicas podem funcionar melhor com a sua turma.

Portanto, o professor deve levar em consideração o número de alunos, a disponibilidade de horários para suas aulas, assim como os recursos que tem disponível. A partir das características da turma e seus recursos, o professor pode escolher uma das metodologias que vamos salientar para elaborar a sua abordagem para utilizar os jornais.

Considerando que temos inúmeras composições de turmas e ambientes

escolares, uma única abordagem pode não funcionar com todas. Assim, disponibilizando ao professor a possibilidade de elaborar sua própria abordagem de acordo com sua turma, aumenta a eficácia dessa abordagem.

Após entender as características da turma, a tarefa é refletir sobre qual maneira pretende utilizar esse jornal. Separamos quatros possíveis formas que o professor pode pensar essa utilização, sendo elas:

- Utilizar o jornal apenas como ilustração, pensando somente em demonstrar a existência de um jornal no período estudado, trazendo imagens de sua capa, ou ressaltando a sua utilização no período.
 - Pensar o uso de jornais para reforçar um dado estatístico ou uma ideia expressa em sala de aula, como também reafirmando uma informação expressa pelo professor ou evidenciada no livro didático.
-

- Usar o jornal como introdução ao tema que pretende trabalhar em sala de aula, pensando os jornais como problemática desse conteúdo. Por intermédio disso, o professor pode conduzir um tema da História, ao fazer o aluno entender a influência dos jornais nesse período.
- Atribuir o jornal como aprofundamento do tema que já iniciou em sala, ao analisar a situação social e política de um período, buscando entender as motivações dos sujeitos, grupos e regiões que foram trabalhadas na aula. Aprofundando com isso no conhecimento estabelecido pelo professor e no livro didático.

Por meio dessas maneiras de levar os jornais para sala de aula, o professor pode entender qual se adequa mais à forma que pretende trabalhar o tema da História escolhido para suas aulas.

Ao entender a característica da turma, assim como a forma que

pretendes levar o jornal para sala de aula, o professor precisa compreender que, como qualquer outra fonte, os jornais precisam de metodologias para serem utilizados.

Portanto, os tópicos a seguir, vão fundamentar a maneira como o professor escolheu levar os jornais em sala de aula. Fazendo uma análise sobre as características dos jornais, e suas implicações no ensino.

3.1 O jornal não é uma fonte neutra

Assim como qualquer fonte histórica, o professor precisa entender o contexto do jornal escolhido para trabalhar corretamente com seu material. Contudo, os jornais possuem uma complexidade um pouco mais elevada que as demais fontes.

Uma vez que os jornais não são transmissores neutros dos eventos aos quais estão noticiando, visto que a imprensa é uma área que pode ter influências sendo transmitidas diretamente em suas páginas. Essa característica é mais visível nos jornais do século XIX, levando em conta que a sua própria construção narrativa era algo opinativo, remetendo a opinião do redator sobre os eventos.

Essa analogia sobre a influência dos indivíduos e contextos históricos na fonte analisada, nos remete ao “lugar social” de Certeau (1982) que

trabalhamos anteriormente, sendo algo bastante presente nos jornais.

Um destaque que podemos fazer em relação à parcialidade dos jornais em meio aos eventos, é que essa característica pode ser a principal motivação para trabalharmos com esse material em sala. Uma vez que por meio dessa fonte, podemos entender o posicionamento dos diferentes grupos sobre os eventos da História, demonstrando para os alunos as discussões que aconteciam concomitante aos eventos que eles conhecem.

Portanto, o professor deve entender e explicar a intenção dos jornais ao noticiar determinado assunto, analisando as figuras que estão por detrás das edições publicadas, como, por exemplo, os redatores e produtores, a tipografia e membros políticos ligados a ela, assim como a classe social ao qual esse jornal tem como público alvo.

Entender quais os membros ligados a esse jornal vai nos levar a desvendar

o “não-dito” (Certeau, 1982) das edições que estão noticiando um evento.

Contudo, um ponto que podemos lembrar é a disponibilidade de tempo do professor para fazer essa pesquisa tão densa para desvendar as figuras ligadas aos jornais que pretende trabalhar.

Por esse motivo, indicamos que o professor faça uso das pesquisas acadêmicas para entender o cenário desses jornais. Temos um vasto acervo de pesquisas como artigos, monografias, dissertações e teses, que analisam os jornais em seus vários sentidos, assim como as figuras ligadas a esses periódicos.

As pesquisas em torno dos jornais tiveram bastante tempo de análise sobre os padrões das edições, omissões, público alvo e intenção desses jornais, possibilitando ao professor entender o “não-dito” de forma mais clara.

Assim, o professor ao procurar pesquisas acadêmicas que analisam os

jornais que circularam durante o período que pretende trabalhar em sala, vai entender a relevância da atuação desses jornais para o período analisado, assim como pode auxiliar na escolha do jornal que mais teve relevância nesse período.

Compreendendo essas questões expostas nas pesquisas, o professor pode fazer a leitura desse jornal, para escolher os recortes que pretende utilizar em sala, cumprindo o objetivo que espera ao utilizar dessa fonte.

Contudo, ao trabalhar esse material em sala, devemos fazer uso de uma competência narrativa para elaborarmos a melhor forma de transmitirmos nosso conteúdo, deixando claro ao estudante que os jornais não tiveram narrativas neutras no recorte que estamos levando.

Recomendamos que independente da abordagem que pretende utilizar em sala, os jornais sejam trabalhados em torno de sua parcialidade, mostrando a intenção do jornal ao

noticiar determinado evento.

Outra recomendação que podemos ressaltar é a ligação do jornal com o contexto histórico ao qual está trabalhando, visto que o jornal não pode ser dissociado da região e contexto de sua publicação, para que seja possível explicar as intenções por detrás de suas edições.

Assim, indicamos que o professor ao levar esse material em sala, leve as informações mais relevantes sobre os membros que compõem esse jornal e suas intenções, assim como outras informações. Facilitando para o aluno estruturar a sua orientação no tempo, e entender o posicionamento do grupo por detrás desse jornal.

A metodologia de explicar o contexto do jornal como fonte para o aluno, entra na segunda fase do uso de documentos em sala de aula, desenvolvida por Maria Auxiliadora Schimidt e Marlene Cainelli:

A fase de explicação do documento é diferente da apresentação. Explicar o documento significa fazer o aluno confrontar seus conhecimentos ou os

dados que obteve em uma pesquisa com os elementos constitutivos do documento

Schimidt; Cainelli,
2004, p.100.

O confronto entre o conhecimento do aluno com o jornal como fonte disponibiliza um dos aspectos da consciência histórica (Rüsen, 2012) que trabalhamos anteriormente, a aproximação do conhecimento do aluno com o material estudado.

Elaborando debates sobre a posição desses jornais em meio aos eventos históricos, vamos auxiliar no desenvolvimento da capacidade de interpretação do aluno sobre os conteúdos da História.

Lembrando que a forma como o professor vai ministrar esses debates deve ser adequada ao nível de ensino da turma que pretende aplicar. Uma vez que, dependendo do nível escolar da turma, a elaboração de sua narrativa pode usar pouco ou muito dos jornais.

Assim como o nível escolar da turma precisa pesar na escolha do professor em levar a grafia original do jornal ou a escrita original.

Por meio dessas formas de se pensar a parcialidade dos jornais, deixando claro para o aluno que essa não é uma fonte neutra, podemos ter relevantes debates nas aulas com o uso dos impressos, estruturando a nossa abordagem em sala de aula.

3.2 Desenvolvendo a capacidade crítica dos alunos por meio dos jornais

Para entendermos o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos por meio dos jornais, devemos entrar em diálogo com alguns aspectos da consciência histórica que mencionamos anteriormente.

Iniciando com a noção de trazer o conteúdo trabalhado para mais próximo do aluno, facilitando a compreensão do discente a respeito do tema trabalhado. Com isso, a comparação dos elementos presentes nos jornais com a atualidade e elementos da região onde o discente mora, facilita na interpretação e no diálogo com o conteúdo.

Assim como os debates sobre a parcialidade dos jornais, pode direcionar ao aluno compreender outras perspectivas do conteúdo

histórico. Para isso, indicamos pensar em diferentes cenários de narrativas em sala, nos quais os alunos tenham acesso a mais de uma fonte sobre um evento histórico.

Portanto, uma forma de se pensar esse diálogo entre as diferentes fontes para o ensino, é alinhar a discussão do conteúdo do jornal com as explicações do livro didático. Como reforça Manoel Afonso Ferreira Cunha:

Neste sentido, o processo de ensino-aprendizagem em História se torna muito mais enriquecedor através da utilização de recursos didáticos variados, como no caso dos jornais. No entanto, sabemos o quanto indispensável ainda é o livro didático para o aprendizado dos conteúdos das diversas disciplinas. Sendo assim, é fundamental estabelecer um diálogo entre essas ferramentas, perceber que elas podem muito se complementar dentro de sala de aula

Cunha, 2018, p. 56-57.

Em meio a esse diálogo, o objetivo vai ser despertar o senso crítico dos alunos por meio de uma leitura mais aprofundada dos eventos da História.

Possibilitando o discente a compreender a sociedade na História de diferentes maneiras, conforme o aspecto da consciência histórica que salientamos anteriormente.

Portanto, com o uso de uma competência narrativa, vamos conseguir direcionar debates sobre os jornais e suas intenções em meio aos eventos históricos do livro didático. Podemos também exemplificar a existência de notícias alteradas, salientando que podem ocorrer em diferentes épocas, até nos tempos atuais, demonstrando assim a necessidade de buscar sempre fontes diferentes para entender sobre um acontecimento até na atualidade.

Isso permite ao professor, independentemente do nível de ensino que está trabalhando, direcionar temas da História vinculados a temas relevantes da atualidade, possibilitando o aluno a refletir sobre os temas do passado e os atuais.

O que remete a vinculação dos

temas da História com os da atualidade que demonstramos ao longo de nosso material instrucional. Como reforçamos na BNCC (Base Nacional Comum Curricular):

As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual

Brasil, 2018, p. 397.

Essa noção é exposta como a base que impulsiona o Ensino Fundamental. Contudo, pode ser utilizado em diferentes níveis do ensino de História, de modo que auxilie para uma melhor orientação mental dos discentes.

O exercício da narrativa dos conteúdos da História, utilizando essas metodologias salientadas, viabilizam processos de debates em sala, reflexões dos textos, explicações das dúvidas dos alunos pelo professor,

assim como estimula o discente a desenvolver uma compreensão maior do assunto.

Em virtude desses posicionamentos podemos alargar o olhar crítico dos alunos, montando um ambiente de sala de aula no qual os discentes se sintam como agentes participativos do processo de ensino/aprendizagem. Por meio disso, vamos nos aproximar do desenvolvimento de uma consciência histórica, retirando a resistência dos alunos em estudar a disciplina.

A partir dessas análises observa-se que uma pesquisa partindo da realidade dos alunos, onde se ressalta a participação de cada um nos processos que envolve a comunidade, e coloca-os como, além de sujeitos históricos, como pesquisadores, além de contribuir com o desenvolvimento da consciência histórica, também poderá os aproximar da disciplina de História, em uma provável diminuição na resistência ao estudar a mesma

Voronhuk, 2014, p.13.

Em meio a essa participação que vemos no texto de Euzélia Terezinha Voronhuk, um dos benefícios da maior participação dos alunos no processo de ensino/aprendizagem é a valorização dos conhecimentos dos discentes em meio as discussões em sala.

Outro exercício que podemos fazer em sala para desenvolver a capacidade crítica dos alunos é a elaboração de questões criadas pelo professor previamente para estimular a participação dos alunos em sala. Ao levar problemáticas que acredite que vão incitar os discentes nos debates, o professor pode conduzir os debates de forma mais participativa, valorizando a autonomia intelectual dos estudantes.

Portanto, salientamos que o professor de História, ao utilizar dos jornais para dialogar com o livro didático e outras fontes, pode auxiliar no desenvolvimento crítico dos alunos em meio a disciplina. Articulado uma releitura da sua

prática pedagógica, ao demonstrar ao discente as diferentes faces dos eventos da História.

3.3 Problematicando a fonte

Para pensarmos em como vamos utilizar os jornais em sala de aula, temos que entender que a fonte histórica precisa ser problematizada para sua utilização no ensino. Principalmente quando buscamos fazer as ligações entre os temas da História e os temas do presente, conforme salientamos anteriormente. Como podemos corroborar com a BNCC:

A relação passado/presente não se processa de forma automática, pois exige o conhecimento de referências teóricas capazes de trazer inteligibilidade aos objetos históricos selecionados. Um objeto só se torna documento quando apropriado por um narrador que a ele confere sentido, tornando-o capaz de expressar a dinâmica da vida das sociedades. Portanto, o que nos interessa no conhecimento histórico é perceber a forma como os indivíduos construíram, com diferentes linguagens, suas narrações sobre o mundo em que viveram e vivem, suas instituições e organizações sociais [...]

Brasil, 2018, p. 397.

Ao trazer uma fonte como os jornais para a sala de aula, o professor precisa estimular um objetivo para essa atividade, pensando em qual o papel que essa fonte vai exercer na temática trabalhada na aula.

Por meio disso, o professor pode elaborar a sua proposta narrativa por meio dessa fonte, esse processo deve ser formulado juntamente com a abordagem que pretende utilizar em sala de aula.

A problematização da fonte histórica está atrelada também à competência narrativa do professor em meio ao tema, que visa organizar melhor o conteúdo para facilitar o aprendizado do aluno. Assim, sugerimos trabalhar apenas os recortes dos jornais que tenham objetivo direto com o tema que se pretende trabalhar em sala.

O recorte do jornal em meio à construção da narrativa de sua aula pode também ser um fator relevante que auxilie trazer esse material para as turmas de nível de ensino mais básico. Como afirma Ana Raquel

Alves Araújo:

Mas há ainda a possibilidade de realizar atividades com turmas do ensino fundamental mesmo o tema apresentando um nível elevado de complexidade. A saída é fazer o recorte da temática para que a sua explanação não necessite de um trabalho prolongado de explicação, ou mesmo de horas-aula, para que os alunos consigam assimilar o conteúdo

Araújo, 2017, p. 92.

Ao se escolher os recortes que pretende utilizar em sala, dependendo do nível de ensino da turma, recomendamos fazer recortes menores, com vocabulários menos complexos, para adequar à idade dos alunos de sua turma.

O objetivo dessa organização do material é favorecer a orientação dos alunos em meio a sua narrativa histórica, para que assim a aprendizagem do discente, seja de forma mais simples e prazerosa.

A competência narrativa do professor vai ser posta em prática ao saber organizar e selecionar os fatos

relevantes para sua explicação dentro do jornal, para assim, organizar uma ordem dos eventos na perspectiva temporal do aluno.

Por meio disso, podemos salientar as discussões e debates propostos no tópico anterior, ao demonstrar diferentes eventos, ao mesmo tempo, em locais diferentes, compreendendo assim, um âmbito maior da História.

A partir desse processo de organização, que salientamos até o momento, o professor pode aprofundar a sua narrativa sobre os temas escolhidos, abordando de forma crítica os elementos selecionados.

A problematização de sua fonte, pode ser estipulada de diferentes maneiras, ressaltando diferentes elementos do jornal como: o posicionamento do jornal ser contrário aos eventos relatados no livro didático; o jornal demonstrar acontecimentos que não estão visíveis no livro didático; o posicionamento do jornal demonstrar a opinião de

grupos diferentes em meio aos eventos históricos. Assim como outros elementos que podem ser problematizados em sala.

Outra forma de problematizar a fonte, que podemos ressaltar, é em torno da própria construção da fonte, voltadas para a participação dos jornais e seu impacto em meio aos eventos da História.

Como exercício da problematização, podemos trazer como exemplo: os jornais do Brasil no século XIX que tiveram grande participação nos eventos da época como uma das principais extensões políticas, participando de temas como a censura, escravidão e revoltas, assim como na independência do Brasil.

A partir dos jornais, o professor pode escolher um dos temas que mencionamos, para ressaltar os impactos dessa participação dos jornais no século XIX, como também a forma que o jornal era utilizado, abrindo um leque de possibilidades para se pensar essa fonte no ensino.

A forma como o professor vai problematizar a fonte pode ser escolhida também levando em consideração um tema da atualidade que considere que vai “alcançar” melhor os alunos da sua turma. Possibilitando o aluno a ver esse tema atual com uma nova perspectiva, como nos mostra Drielle Souza Bittencourt:

Ao trabalhar com um jornal, o professor precisa, num primeiro momento, explicar um pouco ao aluno sua estrutura, fundamental também para compreendê-lo como uma fonte. Ou seja, em uma determinada parte pode ter uma opinião contrária ao que aparece no editorial, por exemplo. Então, é necessário entender que apesar da influência inicial dos donos, ali é uma construção coletiva e nem sempre as opiniões andam alinhadamente

Bittencourt, 2019,
p. 96.

Ressaltamos a importância da escolha da problematização da fonte, buscando como intuito a participação do aluno, assim como a ligação com os temas da atualidade, para facilitar a sua compreensão. Tendo em vista que o processo do ensino de História

precisa tratar o aluno não apenas como receptor do conhecimento, mas também como um produtor.

Outra forma de problematizar os jornais como fonte é a possibilidade de trazer dois ou mais jornais com pontos de vistas distintos em sala, demonstrando com isso como eram as discussões no período escolhido.

Para exercitar essa forma de problematização com mais de um jornal, trazemos como exemplo recortes de dois periódicos que circularam durante a independência do Brasil em 1822. Guardando os demais distanciamentos dos cenários de impressão dos dois jornais, vamos utilizar os recortes das primeiras menções dos redatores ao receber a notícia da independência do Brasil, para exemplificar as problematizações que podemos ressaltar em sala.

O primeiro jornal é *O Conciliador do Maranhão*, que tinha como seus redatores José Antônio da Cruz Ferreira Tezo conhecido como (padre

Tezinho) e Antônio Marques da Costa Soares. Duas figuras reconhecidas como portugueses que tinham grande ligação com o governador do Maranhão.

O jornal já havia se posicionado contra as ações do príncipe regente, assim ao receber as notícias da independência o jornal fez a seguinte menção:

PROVINCIAS DO NORTE-BRASIL.

Conciderada a louvavel constancia com que as Provincias do Norte-Brasil tem zelado a sua união com o Reyno de Portugal, e as vantagens reaes que por suas circumstancias de localidade, e Commercio, lhe rezultão desta união, he de crer que ella seja inquebravel e permanente se as Provincias do Sul não concluirem a independencia, que as facçoës lhes preparão: porém verificada tão desastrosa independencia, qual deverá ser o destino das Provincias do Maranhão, Pará, e Pihahuy? Eis hum problema politico da maior transcendencia para occupar a attenção do Soberanno Congresso, e o zeloso patriotismo dos illustres Deputados por quem estas trez Provincias são representadas: porém estes Senhores (com raras excepçoës) parece haverem-se esquecido de hum tão ponderoso objecto; e o Soberanno Congresso, não possuindo a divina omni-presença que necessitaria para cabalmente conhecer os votos de longiquos Póvos, que ou são mudos, ou frouxamente se explicão no Augusto Recinto Nacional, mal poderá proporcionar-lhes providencias análogas ás suas circumstancias, e efficazes para conservar no grémio Constitucional huma tão vasta e interessante parte do Brasil; talvez a mais consideravel por sua proximidade da Europa, pelo espirito dócil, e brioso de seus habitantes, e por suas vantajosas proporçoës elementares. He pois minha humilde opinião, que sendo predominante o voto dos Póvos do Norte-Brasil pela sua Constitucional união com Portugal; conhecendo o Soberanno Congresso este voto; e firmando sobre elle a efficacia de providentes resoluçoës; esta grande e importante porsão do Brasil formará sempre com reciprocas vantagens huma parte integrante da Constitucional Monarchia Portuguesa, qualquer que seja o destino das outras Provincias do Sul: a demonstração desta asserção faz o objecto das seguintes reflexoës.

Juntamente com esse recorte do posicionamento do jornal *O Conciliador do Maranhão*, podemos utilizar um segundo jornal para demonstrar o outro lado desses eventos, que são os jornais que apoiaram a decisão do príncipe regente. Para isso, trazemos o jornal *Correio do Rio de Janeiro*, que, ao longo de 1822, teve diferentes abordagens para noticiar os embates entre a corte de Lisboa e o príncipe regente.

Contudo, com as notícias sobre a independência, o seu redator João Soares Lisboa, um português que se reconhecia como brasileiro, defendeu os ideais liberais presente nessa nova fase do Brasil e assim apontou que as províncias do Norte deveriam tomar cuidado ao posicionar-se a favor de Portugal, mencionando que:

As Províncias do Sul do Brasil tem já conhecido claramente, que de Portugal nenhum bem tem de esperar; mas parece-nos, que ainda não estão convencidas dos males, que tem a temer; e que o Governo de Lisboa vai a representar no Brasil as mesmas scenas, que Madrid exhibio na America Hespanhola; e por isso colligimos neste numero as noticias que levão com sigo o desengano; até para que as provincias do Norte conheção a sorte que tambem as esperá.

Correio do Rio de Janeiro,
n°125, 12 set, 1822, p. 1.

Portanto, com a ajuda desse recorte que trazemos do jornal, podemos montar uma narrativa em sala para explicar:

- A proximidade das províncias do Norte com Portugal;
- O posicionamento das províncias do Sul juntamente com o príncipe regente;
- Explicar os aspectos econômicos e sociais que resultaram dessas diferenças entre as províncias do Norte e do Sul;
- Demonstrar que o processo de independência não foi algo da noite para o dia.

Assim como outras explicações que podemos ressaltar por meio desses posicionamentos dos jornais.

Desse modo, conforme podemos demonstrar ao longo de nosso capítulo, fica a critério do professor as problemáticas que pretende ressaltar em sala, assim como as diferentes formas de se criar essa problemática. Estando vinculado a sua escolha narrativa para construir a melhor forma de trazer esse material para sala de aula.

3.4 As imagens e as ilustrações nos jornais e revistas

Como mencionamos anteriormente, a forma como o professor vai trabalhar essa fonte pode ser adaptada de acordo com o nível escolar da turma, abrindo espaço para pensar diferentes maneiras de direcionar as discussões em sala.

Uma das maneiras que podemos trabalhar o jornal no ensino é com a análise de imagens, charges e ilustrações presentes em suas páginas. Possibilitando ao professor trazer uma forma mais atrativa para trabalhar essa fonte em sala de aula.

No âmbito da trajetória dos jornais no Brasil, desde a segunda metade do século XIX alguns jornais utilizam de ilustrações e outros elementos iconográficos em suas páginas. Fazendo assim que esse tipo de recurso seja encontrado em diferentes temas trabalhados nas edições.

Como nosso intuito não é nos aprofundar na explicação das

características de cada elemento iconográfico e suas definições, vamos tomar como foco apenas a maneira na qual podemos pensar a utilização desses recursos (aqui denominados de elementos imagéticos) presentes nos jornais para contribuir na nossa abordagem em sala.

O trabalho com esses elementos imagéticos presentes nos jornais possibilita diferentes atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula. Uma vez que com o auxílio dessas imagens na narrativa de nosso conteúdo com os jornais, a orientação dos alunos em nossa didática pode ser mais atrativa.

Contudo, um ponto que podemos ressaltar é a maneira como vamos entender esses elementos dentro do jornal. Visto que embora o ditado popular seja que “uma imagem vale mais do que mil palavras”, em alguns casos, como nas imagens presentes nos jornais, elas não vão conseguir contar uma história sozinha, conforme reforçamos em Peter

Burke:

Antes de tentar ler imagens “entre as linhas”, e de usá-las como evidências é prudente iniciar pelo seu sentido. Porém, pode o sentido de imagens ser traduzido em palavras? O leitor deve ter observado que o capítulo anterior descreveu imagens como nos “contando” alguma coisa. De certa maneira ela assim o fazem; imagens são feitas para comunicar. Num outro sentido elas nada nos revelam. Imagens são irremediavelmente mudas [...]

Burke, 2004, p. 43.

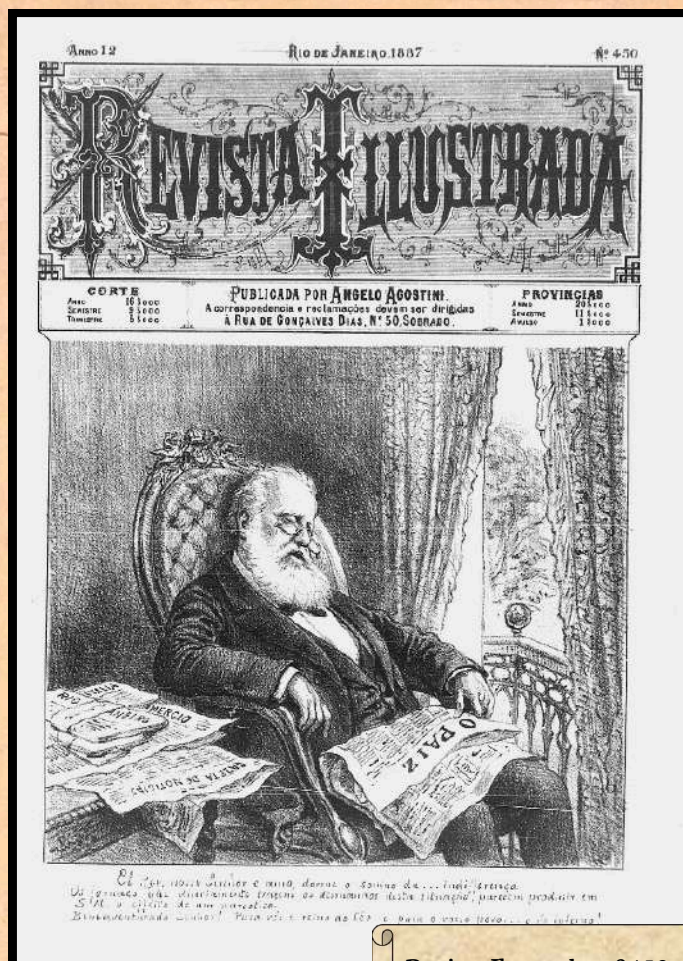
Podemos usar essa reflexão de Peter Burke para pensarmos em como podemos trabalhar esse elemento em nossa abordagem em sala. Para isso, vamos ressaltar a importância da relação entre texto e imagem nesses periódicos.

Levando como análise a menção de Burke (2004) as imagens em alguns sentidos são irremediavelmente mudas, assim, os jornais em grande parte utilizam as imagens e ilustrações como reforço para seu texto, demonstrando a sua

posição/opinião em relação ao evento.

Portanto, o texto e os elementos iconográficos, em boa parte dos casos, não devem ser analisados de forma separada, visto que a imagem pode perder o contexto exposto no jornal, se analisada isoladamente.

Tomando como exemplo as ilustrações presentes nos jornais do século XIX, trazemos como reforço de nossa argumentação, uma ilustração feita durante o governo de D. Pedro II em 1887, por Angelo Agostini na Revista Ilustrada.



Revista Ilustrada, n°450, 5
fev, 1887, p. 1.

Analisando separadamente, a ilustração apenas retrata D. Pedro II dormindo em sua cadeira. Entretanto, ao analisarmos juntamente com o texto elaborado pelo periódico, vamos entender de forma mais clara a crítica que o redator queria comunicar.

Dado que abaixo da imagem tinha os seguintes dizeres:

El rei, nosso senhor e amo, dorme o sono da... indiferença. Os jornais que diariamente trazem os desmandos desta situação, parecem produzir em Sua Majestade um efeito narcótico. Bem aventurado Senhor! Para vós e reino do Céu e para o nosso povo... e do inferno!

Revista Ilustrada, nº450, 5
fev,1887, p. 1.

Podemos perceber com isso, como a análise do texto juntamente com a imagem nos leva à real intenção do periódico. A qual era fazer uma crítica ao governo de D. Pedro II, levando a entender que embora os jornais tentassem comunicar os problemas encontrados no Brasil, o regente sentia sono ao ler os jornais ignorando os problemas da sociedade.

Devemos ressaltar que ao trabalharmos com esses tipos de elementos imagéticos dos jornais que tendem a ilustrar eventos “reais” ou “irreais”, como charges e ilustrações, precisamos utilizar os ensinamentos evidenciados nos capítulos anteriores. Como por exemplo, explicar para os alunos as intenções do jornal ao criar essa ilustração, vinculando com as explicações do contexto histórico do período.

Podemos entender que nossa didática em sala deve ser efetuada de forma que alinhe esses elementos para construir uma melhor narrativa, vinculando textos e imagens para ser usado no ensino de História.

Compondo um outro lado da moeda, temos alguns casos de elementos imagéticos em jornais que podem ser problematizados sem o auxílio de textos, sendo direcionados apenas com a contextualização do professor sobre o conteúdo histórico assim como o contexto do jornal utilizado (conforme mencionamos nos

capítulos anteriores).

Como exercício desse tipo de elemento imagético, trazemos o anúncio feito no *jornal Pacotilha* em 1894:



Pacotilha, nº 1, 2 jan. 1894.,
p. 4.

Por meio desse anúncio de venda de roupas para crianças, podemos problematizar a imagem ao salientarmos discussões sobre a vestimenta da época.

Como o exemplo que estamos utilizando é uma ilustração, feita como propagando no período, a problematização pode ser feita comparando o recorte do jornal com fotografias do período para evidenciarmos as propostas que eram

levadas para virarem moda no Maranhão, local onde circulou o periódico.

Por meio dessa problematização, usando unicamente imagens, conseguimos abrir espaço para novos debates em meio aos eventos narrados em sala.

Idealizando uma proposta didática mais atrativa, a utilização desses recursos visuais presentes em alguns jornais, apresenta-se como uma ferramenta para facilitar o diálogo entre o aluno e a fonte. Tendo em vista que a utilização de recursos imagéticos tem maior apelo nos cenários atuais, conforme nos afirma Adriano Cecatto e Antônio Germano Magalhães:

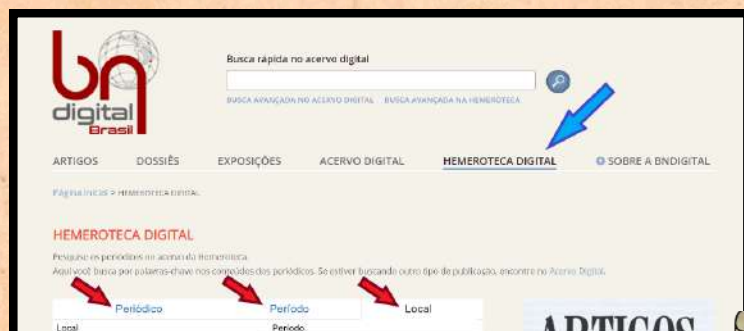
Pode-se apontar que o texto imagético ocupa em nosso olhar muito mais espaço do que o texto escrito, considerando a imensidão de imagens apresentadas no cotidiano contemporâneo pelos diversos veículos de comunicação

Cecatto e Magalhães,
2011, p. 2.

Levando em consideração o cenário atual das escolas brasileiras, na qual o professor tem que “competir” com as redes sociais pela atenção dos alunos, os recursos visuais podem ser uma notável ferramenta didática juntamente com os jornais.

A partir desse entendimento, podemos estabelecer uma análise das iconografias além dos aspectos visuais, exercitando texto e imagem para corroborar com a nossa narrativa do conteúdo histórico escolhido.

3.5 Como encontrar os jornais em pesquisas acadêmicas?



Fonte: Página inicial da Hemeroteca Digital. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Após as nossas análises de como trabalhar os jornais em sala de aula, cabe compreendermos onde encontrar esse material para levá-los aos alunos. Em seguida vamos demonstrar também como encontrar os trabalhos acadêmicos que estudam esses jornais, conforme salientado anteriormente.

Um dos principais acervos digitais em que conseguimos encontrar os jornais do Brasil é na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional: Sendo acessada por meio de seguinte endereço: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, no site da Biblioteca Nacional:

Na página inicial da aba Hemeroteca Digital, destacada com a seta azul na imagem acima, encontraremos 3 maneiras em que estão organizados os acervos dos jornais, indicadas pelas setas vermelhas: Periódico, Período e Local. Ressaltamos que as três guias são opções de pesquisa, devendo ser escolhida a que mais se encaixar na necessidade do pesquisador.

Caso a procura do jornal seja feita pela aba “Periódico”, encontraremos os seguintes campos para preencher:

Fonte: Página inicial da Hemeroteca Digital, opção de pesquisa por “Periódico”.

Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Nesse campo digitaremos o nome do jornal ao qual estamos procurando, assim como o período que desejamos encontrar. Na hipótese de procurarmos uma frase específica dentro do jornal, teríamos que preencher o campo “Pesquisar” com a palavra escolhida.

Se a procura do jornal for pela guia “Período”, encontraremos os campos:

Fonte: Página inicial da Hemeroteca Digital, Opção de pesquisa por “Período”. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Pesquisando por essa guia, teremos que preencher os campos: o Período, Local e por fim o Periódico que desejamos encontrar.

Na última opção de pesquisa, que é a aba “Local”, vamos encontrar os seguintes campos:

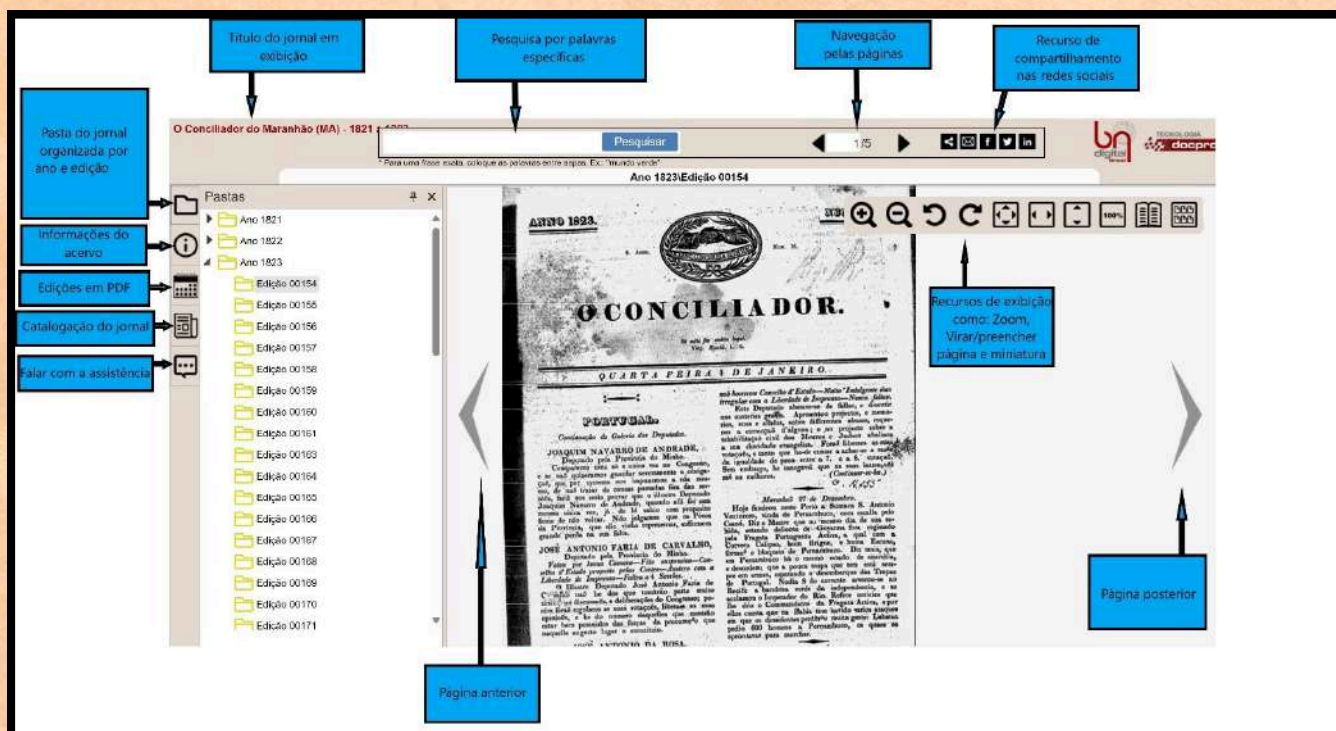
Fonte: Página inicial da Hemeroteca Digital, opção de pesquisa por “Local”. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Nessa aba, vamos escolher o local, período e o nome do jornal que estamos procurando.

Após escolher a aba na qual pretendemos pesquisar e preencher todos os campos descritos, vamos clicar em pesquisar, assim o site vai apresentar uma nova janela do navegador, contendo o jornal escolhido com todas as suas edições.

Passando para a janela do jornal em que o site nos direcionou, aparecerão todas as edições desse periódico presentes na Hemeroteca

Digital referentes ao período que escolhemos, conforme vemos no exemplo abaixo:



Os grifos colocados na imagem acima, apontam para todas as ferramentas presentes na janela do site. O exemplo que escolhemos foi a página do periódico O Conciliador; aqui, a hemeroteca nos mostra pelas pastas que preserva os três anos de circulação do jornal: 1821, 1822 e 1823. A edição que está à mostra é a de número 154, de 1823; caso

Fonte: Página do jornal O Conciliador presente na Hemeroteca Digital.
Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749524&pagfis=793>. Grifos nossos.

fossemos mudar a edição precisaríamos apenas clicar em outra dentro da pasta do ano escolhido.

O site também nos oferece a opção de baixar somente a imagem que está sendo exibida, basta clicarmos com o botão direito do mouse na página e selecionar a

opção “salvar imagem”, mas também temos a opção de baixar toda a edição na aba “edições em PDF” que vemos na imagem acima.

Levando em consideração as indicações que fizemos no tópico 3.1 do presente estudo demonstrando como as pesquisas acadêmicas podem corroborar com o entendimento do professor a respeito do jornal escolhido, vamos apresentar sites que contém essas pesquisas para facilitar a preparação das aulas.

Em grande parte, esses trabalhos estão vinculados a universidades, sendo referentes a publicação de discentes, docentes e historiadores. Destacamos também que os sites que contem esses trabalhos podem armazenar apenas os trabalhos de sua região, necessitando a pesquisa dos jornais em sites da região na qual circulou.

O primeiro exemplo que trazemos é o site do Núcleo de Estudos do Maranhão Oitocentista (NEMO), disponível no endereço: <https://nemouema.com/>. O site do NEMO disponibiliza diferentes trabalhos acadêmicos sobre o século XIX, em grande parte envolvendo os jornais desse período. e é de fácil utilização, disponibilizando os trabalhos na aba “publicações” como podemos ver na imagem abaixo:



Fonte: Página de publicações do site do NEMO.
Disponível em:
<https://nemouema.com/>

No site do NEMO, temos ebooks, livros, artigos, monografias, dissertações, teses e paradidáticos que trabalham diferentes assuntos do Maranhão oitocentista, assim como analisam os jornais desse período.

Um outro site que contém diferentes trabalhos acadêmicos envolvendo os jornais do século XIX é o acervo digital da Universidade Federal do Paraná, disponibilizado no endereço: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/284/browse?type=subject&value=Jornalismo>:

O acervo conta com diferentes trabalhos acadêmicos da UFPR. Por meio dele podemos pesquisar os assuntos e palavras-chave dos trabalhos no campo destacado com a seta vermelha na imagem acima. Desse modo, encontraremos os trabalhos relacionados aos jornais da região, disponíveis para leitura e download.

O próximo acervo que trazemos como exemplo é da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em que temos uma vasta coletânea de trabalhos acadêmicos envolvendo os jornais, disponível em: [https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2/browse?value=Correio+do+Povo+\(Jornal\)&type=subject](https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2/browse?value=Correio+do+Povo+(Jornal)&type=subject).



Fonte: Página do acervo da UFPR.

Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/284/browse?type=subject&value=Jornalismo>



Fonte: Acervo da UFRGS, LUME repositório digital. Disponível em:
[https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2/browse?value=Correio+do+Povo+\(Jornal\)&type=subject"](https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2/browse?value=Correio+do+Povo+(Jornal)&type=subject)

Conforme podemos notar a sua interface se assemelha ao acervo informado anteriormente. Nele podemos encontrar as pesquisas envolvendo os jornais colocando o nome do periódico no campo destacado com a seta vermelha.

Na hipótese do jornal escolhido não for de nenhuma das regiões de sites que deixamos os exemplos, uma sugestão é procurar o site das universidades da região em que o periódico foi impresso. Desse modo, podemos procurar os trabalhos que estudem esse jornal por meio dos sites das universidades dessa região.

Como mencionamos anteriormente, grande parte dos estudos envolvendo os jornais tem ligação com as universidades brasileiras, por meio dos discentes, docentes e historiadores. Assim, temos variados sites de universidades de diferentes estados que disponibilizam acervos com esses trabalhos.

Refletir sobre as maneiras de ensinar a História é de grande relevância para aprimorar o ensino. A utilização dos jornais, assim como as demais linguagens, são exemplos das diversificações documentais que o professor tem a sua disposição para repensar a sua didática em sala.

O presente conteúdo instrucional, é resultado de um longo estudo sobre as bases teórico-metodológicas para auxiliar o professor a estruturar a melhor abordagem para trabalhar os jornais no ensino de História. Levando em consideração as diferentes características dos cenários heterogêneos que compõem as salas de aulas brasileiras.

Esperamos por meio desse estudo contribuir para uma melhoria no ensino de História com o uso dos jornais, buscando uma aprendizagem mais comunicativa e interativa para os alunos.

Portanto, confiamos que os professores que pretendem utilizar os

jornais nas salas de aula, por meio de nosso estudo, construam abordagens narrativas que inspirem seus alunos a buscar mais os conhecimentos da História.

Fontes**PERIÓDICOS**

CORREIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro. Officina de Silva Porto, 1822-1823.

CORREIO MARANHENSE. Maranhão. Typographia da Temperança. 1847.

O BRASILEIRO. São Luís. Typographia Constitucional, 1830-1832.

O CONCILIADOR. São Luís. Typographia Maranhense, 1821-1823.

O CONSTITUCIONAL. Rio de Janeiro. Typographia do Diario, 1822.

PACOTILHA. Maranhão. Typographia, Redacção e Gerencia, Largo do Carmo, 1880-1909.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro. Officina Lithographica, 1876 - 1898.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Ana Raquel Alves. **A campanha ecológica do comitê de defesa da ilha de São Luís (1980-1984): uma proposta pedagógica para a integração entre Educação Ambiental e Ensino de História.** Monica Piccolo Almeida Chaves. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís. 2017.

AZEVEDO, Dr. Moreira. **Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro.** *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Rio de Janeiro: B. L. Garnier, t. XXVIII, v. 2, 1865, p. 169-224.

BARROS, José D'Assunção. **História e Historiografia: todas as interações possíveis.** In: BARROS, José D'Assunção (org.). **A Historiografia como Fonte Histórica.** 1ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2022, v. 1, p. 15-77.

BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica.** Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2023.

BITTENCOURT, Drielle Souza. **História política, biografia e imprensa: uma nova ferramenta para Ensino de História do Maranhão Contemporâneo por meio da Trajetória Política de José Sarney (1950-1970).** Monica Piccolo Almeida Chaves. 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem.** Bauru: Edusc, 2004.

CARVALHO, Alfredo de. **Gênese e progressos da imprensa periódica no Brasil.** *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, parte I, 1908

CECATTO, Adriano. MAGALHÃES, Antônio Germano. A iconografia e o ensino de História: Potencialidades e possibilidades. In: **Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação em Humanidades**, 2011, Fortaleza. Anais... Universidade Federal do Ceará; Universidade Estadual do Ceará, 2011, p. 1-15.

CERRI, Luis Fernando. Consciência histórica sul-americana e consciência histórica europeia. **MOMENTUM (ATIBAIA)**, v. 1, p. 31-49, 2016.

CERRI, Luiz Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na Prática. **Revista de História Regional**, n. 15, v. 02, 2010. p. 264-278.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história/Michel de Certeau**; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CUNHA, Manoel Afonso Ferreira. **História, historiografia e imprensa: Revisitando João Goulart através dos jornais maranhenses no cotidiano escolar**. Monica Piccolo Almeida Chaves. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís. 2018.

FERNANDES, Aurélio Silva. **As concepções de ensino de História e a consciência histórica. Um estudo com alunos do 3º ano do Ensino Médio Regular**. São Gonçalo, 2016. 136 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. 11.ed. Campinas: Papirus, 2003.

GARCIA, Tânia M. F. Braga. A história local e a formação da consciência histórica de crianças. In: **V Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História: Sujeitos, Saberes e Práticas**, 2004, Rio de Janeiro. V Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História: Sujeitos, Saberes e Práticas, 2004. v. 1.

GARCIA, Tânia M. F. Braga. Estudos sobre a consciência histórica na Universidade Federal do Paraná. In: Isabel Barca. (Org.). **Estudos de consciência histórica na Europa, América, Ásia e África**. 1ed.Braga, Portugal: CIEd/Universidade do Minho, 2008, v. 1, p. 123-134.

MALERBA, J. Em Busca de Um Conceito de Historiografia - Elementos para uma Discussão. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 17, p. 23-56, 2003.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A Relação Entre a História e a Imprensa, Breve História da Imprensa e as Origens da Imprensa no Brasil (1808-1930). **Historiae**, Rio Grande, v.2, n.3, p. 125-142, 2011.

PERUCHI, Amanda. No rastro das folhas periódicas: os impressos na historiografia brasileira. **Revista Ágora**, Vitória. n. 23. 2016, p. 292-297.

ROCHA, Helenice. Linguagem e novas linguagens: pesquisa e práticas no ensino de história. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo e GONTIJO, Rebeca (org). **O ensino de história em questão**. Cultura histórica, usos do passado. Rio de Janeiro: FGV, 2015, p. 97-119.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem Histórica - Fundamentos e Paradigmas**. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão/ Jörn Rüsen; tradução. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR. v. 1, n.2, p. 07-16, jul. -dez. 2006.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**/ Jörn Rüsen; tradução de Estevão de Rezende Martins. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 194 p.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set/dez. 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TRENNEPOHL, Vera Lucia. A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA COMO POTENCIAL PARA LEITURA DE MUNDO. **História & Ensino**, Londrina, v. 26, n. 1, p. 37-55, jan./jun. 2020.

VORONHUK, Euzélia Teresinha. História Local, como forma de desenvolver a consciência histórica em alunos do 6º ano. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produções didático-pedagógica**, 2014. Curitiba: SEED - Pr., 2016, v. 2.
